

O que podem as palavras no cotidiano de uma instituição psiquiátrica

Neste trabalho apresentamos a dissertação de mestrado que trata dos escritos de uma mulher internada há quase três décadas no Hospital Psiquiátrico São Pedro. A partir dos encontros da pesquisadora com a usuária e seus escritos analisamos, a partir das contribuições de Deleuze e Guattari, entre outros autores, a força destas palavras, enquanto fluxo expressivo proveniente do estado de coisas de que faz parte e os modos como desterritorializam os contornos de doente mental. O que motivou este estudo inicialmente foi a surpresa de encontrar, naquele espaço com tantos corpos paralisados- efeitos das inúmeras terapêuticas que objetivam a cura- a produção de uma escrita que mostra um corpo expressivo persistente e singular, cujas forças atravessam as fronteiras da razão medicalizante.

Na continuidade desta pesquisa, vivenciando o cotidiano hospitalar enquanto residente de psicologia do Programa de aperfeiçoamento especializado em saúde mental no hospital psiquiátrico São Pedro, esta experiência maquínica ganha novas intensidades, expondo com maior nitidez as forças que constituintes do maquinismo hospitalar.

A escrita e a loucura: o que estas palavras têm ainda a dizer após mais de 200 anos de silenciamento construído através de pesadas dicotomias e clausuras do pensamento? Fazemos o recorte cartográfico da expressão de Claudina pela escrita que emerge na conjugação de diferentes agenciamentos que compuseram o Hospital São Pedro. Agenciamentos de outros agenciamentos que foram constituindo a loucura asilar.

Matérias expressivas heterogêneas que se misturam e se conjugam em fluxos desejanter de escrita. Recolhe aquilo do que se passa, do que ouve, do que a afeta.

Fazemos a exposição desta análise através dos seus escritos que expressam a vida no maquinismo hospitalar, onde proliferam relações de forças encobertas que provocam saberes e lugares psi tradicionais.

Trata-se de extrair da palavra o devir-minoritário, expressão das transformações dos corpos, devires infinitos que vão muito além da palavra que os expressa. Escrita que se faz no silêncio povoado da solidão, na clandestinidade dos encontros, combinações, roubos e devires. Escrever, na perspectiva da multiplicidade, é apenas um modo de expressão das transformações produzidas nos corpos. A palavra pode permanecer conformada a um código de enunciados dominantes, relacionado a um determinado estado de coisas, como também pode tornar-se outra coisa, pode cessar de representar, pode só expressar o acontecimento. Utilizamos o conceito de literatura menor para analisarmos este escritos que desterritorializam seus contornos de doente mental aos quais ficou encerrada.

Suas escritas mostram o que há de mais tradicional, “do que se entende dos sentidos das palavras” mas ela consegue destampar, mostrar as engrenagens mais íntimas do hospital que não conseguíamos perceber.

Escrever, para Claudina, é um acontecimento que se encarna em certos fluxos que atravessam seu corpo; efeito produzido nos encontros com os elementos do mundo e que constitui o agenciamento loucura/doença mental em que está inserida. Emergência da expressão e do conteúdo do agenciamento de que faz parte.

Tomamos a linguagem não mais como expressão representativa, vazia e previsível, mas enquanto expressão agramatical, expressão de vida que nos desamarra do evidente e nos transforma, onde é sempre começo. Pois o mundo, em que vemos e sentimos, não tem formas permanentes. Composto de matérias em devir, em transformação contínua, expressivas, constituídas de partículas virtuais que se atualizam e se modificam imediatamente a cada encontro, a cada acontecimento.

Congelados pelas representações dicotomizantes e do “já vi isto”, facilmente recaímos em sobrecodificações e institucionalizações. Tornamo-nos incapazes de sermos surpreendidos pelo que passa, de nos afetarmos pelas forças emanadas pelos micro-deslocamentos, defasagens que os encontros possibilitam.

Num agenciamento não há sujeitos, mas estados maquínicos expressivos em devir. Conteúdo (corpos) e expressão (acontecimentos) em revezamento: reenviam-se um ao outro, âmbitos complementares, mas não correspondentes. Todas as matérias que compõem o agenciamento, misturas de todas as coisas envolvidas são expressivas.

O que Claudina diz não está suprimido da história de que ela faz parte, do que a faz ver e falar. São as forças sensíveis que ela necessita dizer, interrogar, rasgar a história. Quais corpos escolhe para dar corpo as suas palavras. Escrever é expressar as lutas de cada época, ajuda a cartografar esta luta. Entendemos que, ao mesmo tempo que confirma o poder psi tradicional, ela intensifica, provoca, as relações de força em que está inserida.

Uma língua menor é a potência de subversão dentro de uma língua maior. Línguas lutam para se homogeneizar e dominar. Os enunciados lingüísticos, como palavras de ordem, não se ocupam com informar, mas exprimir agenciamentos dentro dos quais se produzem. A unidade de uma língua é, antes de tudo, política.

Claudina dá corpo à matéria intensa da vida que se expressa na escrita. Pudemos apreender na escrita de Claudina os três modos de expressão minoritária, de trabalho de variação da língua dentro da língua maior, fazendo aparecer confrontos de línguas dentro de uma mesma língua.

De um fato maior, extraímos os devires menores. Devir é diferença, fuga, desterritorialização. Assim, a palavra do louco é minoritária dentro do discurso da saúde, que é expressão de uma maioria. Mas, esta minoria, pode ou não ser detonadora de mudanças.

O que liga este conceito à escrita de Claudina é a sua capacidade de criação de uma língua dentro da língua portuguesa dominante. Jeito singular de expressar, recria uma língua diferente dentro da língua portuguesa usada nos discursos do saber/poder psiquiátrico/psicológico.

Claudina faz pequenas rachaduras com palavras que dizem os loucos, ignorados. Sabe que as demarcações e os códigos territoriais são extremamente duros. Com suas palavras, expõe o embate das forças dos movimentos mais inovadores e conservadores, expressando as próprias fragilidades destes movimentos dentro de uma máquina abstrata loucura que continua confinando moralmente, dividindo o mundo em dicotomias, transformando as experiências inovadoras em saberes legitimados. Continuamos surdos ao que foi silenciado, ao que foi ignorado.

Sabe do poder da palavra *psi*. Rouba o procedimento do interrogatório para potencializar suas próprias perguntas e com isto ganhar mundos. Mas também

sabe a armadilha criada, pois se também precisou-se aliar aos procedimentos *psi*, sabe que são os mesmos que cronificam e criam a realidade do louco desmemoriado. Aprendeu a lição. Sabe que é louca, se apropriou e aprendeu a jogar com as forças das palavras legitimadas. Desconfiada, permanece afirmando sua luta agonista: Expressão de uma luta permanente, de forças desiguais, cuja matéria se expressa em alguns escritos menores, forças de um rumor de uma outra história acontecendo.